



Aprendizagem em dias de pandemia: das lições do *home office* e alternativas para a gestão e disseminação do conhecimento

Learning on pandemic days: home office lessons and
alternatives to knowledge management and dissemination

Aprendizaje en días de pandemia: lecciones
del home office y alternativas para gestion
y difusión del conocimiento

Geraldo da Silva Gomes¹

RESUMO

O texto é um breve ensaio sobre as experiências vivenciadas e refletidas neste período de pandemia da Covid-19, a partir do distanciamento físico do espaço físico laboral e da prática do trabalho remoto em casa, mediado pelas tecnologias digitais. A reflexão adotou perspectivas filosóficas, sociológicas e educacionais para o entendimento da relação trabalho, aprendizagem e confinamento físico frente a uma pandemia mundial. O exercício teórico é resultante de observações etnográficas e de ótica de uma pesquisa participante involuntária, isto é, sobre como o sujeito que se representa como “ensinante” torna-se “aprendente” a partir

¹ Doutor em Ciências da Comunicação (UNISINOS), mestre em Educação (UFG), graduado em Filosofia (FFNSM/SP), com estudos pós-doutorais em Educação (UFBA) e em Comunicação e Cultura (UFT). Ex-bolsista da Fundação Carolina. Atua como docente e pesquisador nas áreas da educação, comunicação, direito, sistemas de informação, semiótica e gestão do conhecimento. Assessor técnico-pedagógico no Cesaf-ESMP do Ministério Público do Estado do Tocantins. CV: <http://lattes.cnpq.br/7833414547695138>. <https://orcid.org/0000-0002-4182-4511>.

da mediação tecnológica, com outros atores socioeducativos no espaço virtualizado do Ministério Público.

PALAVRAS-CHAVE: *Pandemia, Aprendizagem, Tecnologias, Trabalho, Alternativas.*

ABSTRACT

The text is a brief essay about the reflected experiences in this last period of the Covid-19 pandemic; from the physical distance or work space with the practice of home office. The reflection adopted philosophical and sociological educational perspectives to understand the relationship between work, learning and physical confinement in the face of a worldwide pandemic. The theoretical exercise is the result of view and ethnographic observations of an involuntary participatory research, that is, about how the subject who represents himself as a “teacher” becomes a “learner” through technological mediation, with other socio-educational actors in the virtualized space of the State Public Prosecution Service Office.

KEYWORDS: *Pandemy, Learning, Technologies, Labor, Alternatives.*

RESUMEN

El texto es un breve ensayo sobre las experiencias reflejadas en estos tiempos de la pandemia de Covid-19; desde la distancia física o el espacio de trabajo con la práctica del *home office*. La reflexión adoptó perspectivas educativas, filosóficas y sociológicas para comprender la relación entre trabajo, aprendizaje y confinamiento físico frente a una pandemia mundial. El ejercicio teórico es el resultado de observaciones etnográficas y ópticas de una investigación participativa involuntaria, es decir, acerca de cómo el sujeto que se representa a sí mismo como “maestro” se convierte en un “alumno” a través de la mediación tecnológica, con otros actores socioeducativos en la virtualización del espacio de la Fiscalía en Estado de Tocantins (Ministerio Público).

PALABRAS-CLAVE: *Pandemia, Aprendizaje, Tecnologias, Labor, Alternativas.*

INTRODUÇÃO

O número de reuniões por aplicativos de comunicação rápida – via chamadas de áudio ou áudio-vídeo – e plataformas específicas disponibilizadas para *smartphones* e *notebooks* tornou-se algo comum, rotineiro, para os profissionais

que não se encontram efetivamente nos trabalhos diretos de combate e prevenção à Covid-19 nos espaços hospitalares, neste momento de pandemia. Além das reuniões, microrreuniões, conversas em duo, também tem se percebido, como rotineira, a prática da leitura e estudo de documentos digitalizados diretamente nas telas dos aparatos tecnológicos.

Em tão pouco tempo, videochamadas e videoconferências ganharam outras terminologias. Um novo léxico é usado no cotidiano dos integrantes do Ministério Público do Estado do Tocantins nesses dias de distanciamento físico e trabalho remoto, diante da necessidade de prevenção e combate à pandemia da Covid-19.

A profusão de reuniões e a necessidade de manter o fluxo informativo comunicacional em funcionamento fizeram com que os eventos educativos fossem adequados para os formatos de *lives* – transmissão ao vivo, uso direto do termo da oriundo língua inglesa – de webinários – uso também do inglês para a junção *web/rede* e *seminar/seminário* – nas plataformas como *Zoom, Cisco Webex, Google Meet* e as redes mais conhecidas como *Instagram e Youtube*.

Quais são as lições que podem ser retiradas desse exercício de aprendizagem formal adaptado para uma modalidade a distância, pois o uso do termo “remoto” camufla situações reais de recepção e (não) aprendizagem de conteúdos. Em passado recente, atuei em muitas frentes de trabalho pedagógico que pressupunham interações dos indivíduos entre si, mediados por aparatos tecnológicos, com suporte de web tutores numa noção diferenciada de tempo, não sincrônico, mas simulando um espaço educativo próprio, mesmo estando a pessoa em sua residência ou no espaço do trabalho.

Com a pandemia, não existe a simulação do espaço pedagógico, isto é, do usuário-computador-monitor, dos conteúdos virtuais-tutoriais em horários específicos. O espaço pedagógico sai da simulação e tem que coabitar na mesma sala, no mesmo espaço de estudo dos filhos, no mesmo cômodo, no caso da maioria das famílias neste país de desiguais. Este trabalho não possui o tempo e o espaço dedicados, ele é anômalo.

A pandemia trouxe uma situação de anomalia, porque tempos e espaços dedicados foram colocados de lado. Vida doméstica e vida laboral estão misturadas. Há poucos meses, acessar e conferir a caixa dos processos judiciais eletrônicos (e-Proc), Sistema Eletrônico de Execução Unificado (SEEU), e-Docs, e-Exts, SEI (Sistema Eletrônico de Informações) ou correio eletrônico ou estar

atento em casos de plantão tinha suas demarcações precisas. Hoje, cada integrante do Ministério Público está com parte de suas atribuições em tempo integral dentro de casa, literalmente, enquanto corrige as lições das crianças em fase de alfabetização, tenta participar da *live* de algum conhecido, elabora o texto para uma ação, verifica de quem é a vez de cuidar do almoço e checa por *WhatsApp* se os parentes pertencentes a grupos de risco estão quietos em suas casas.

A proposta deste texto é realizar este primeiro exercício etnográfico, no veio antropológico comunicacional e educacional, sobre o que a pandemia e o *home office* estão ensinando a todos nós, em especial quando o Ministério Público se instala em nossas casas e parece não fixar prazo para voltar ao espaço e tempo dedicados ao trabalho dentro do prédio do MPTO.

1. Etnografia doméstica e aprendizagem significativa

A partir do momento em que se assumiu a necessidade de distanciamento físico e de confinamento diante da ameaça da Covid-19, o Centro de Estudos e Aperfeiçoamento Funcional- Escola Superior do Ministério Público (Cesaf-ESMP) articulou-se para informar aos integrantes do MPTO as atividades educativas remotas que começaram a ocorrer. A Direção-Geral criou um canal próprio, via *WhatsApp*, para informar quais ofertas estavam em ocorrência, as instituições proponentes, os profissionais responsáveis e as temáticas focalizadas. O Cesaf-ESMP mapeou, no período de março a maio, um conjunto de 110 atividades entre ciclo de palestras, mesas virtuais, videoconferências, colóquios, conferências, congressos, cursos, debates, grupos de estudos, informativos, *lives*, *podcasts*, reuniões, seminários, simpósios, *webcasts* e webinários².

As atividades eram apresentadas ao vivo, diretamente por plataformas

2 É tanta gente desejando ter a definição dos termos, que erram na dose de autores, análises e produtos. A partir de minha vivência na comunicação pude observar muito dessa tendência dos eventos em *streaming*, outro termo oriundo da língua inglesa que significa “transmissão”. Realizar um evento de tal formato permite uma qualidade técnica de captação e compartilhamento de conteúdos de forma simultânea ao que está em ocorrência por uma rede de computadores, bem como para um número grande de pessoas. O uso de *live streaming* foi muito utilizado comercialmente por grupos artísticos atraindo tanto a curiosidade quando usuários em busca de entretenimento junto às redes sociais e plataformas. O webinário, opto pela tradução mestiça para a língua portuguesa no Brasil ao invés de *webinar*, é uma apresentação ao vivo que permite a interação com o público, diferente do *webcast*, é a junção dos materiais audiovisuais disponibilizados assincronicamente. Como é recurso/ferramenta desenvolvida com lógicas da esfera privada. A adaptação para a esfera pública nos domínios educacionais requer cuidados para não se incorrer em erros, isto é, em se trabalhar excelentes produtos com profissionais gabaritados sem levar em

digitais, ou assíncronas, ofertadas em espaço *online* de ambiente virtual de aprendizagem próprio ou externo. A difusão deste conhecimento produzido por integrantes de diversas instituições pode ser difundido pelo Cesaf-ESMP com as informações disponibilizadas pela Escola Nacional do Ministério Público-ENAMP, Colégio de Diretores de Escolas e Centros de Estudos e Aperfeiçoamento Funcional dos Ministérios Públicos do Brasil- CDEMP, Ministérios Públicos Estaduais e demais instituições. Também, frisa-se a importância da contribuição de diversos integrantes do *parquet* na informação de eventos cujas temáticas têm o teor formativo educativo.

Em pouco tempo, o número de eventos aumentou, ainda não tendo sido realizada sua computação da segunda quinzena de maio ao mês de julho. No entanto, o provisório das atividades cotidianas remotas do órgão tornou-se mais efetivo e corriqueiro³. No Ministério Público do Estado do Tocantins – MPTO apresentou o regramento para o teletrabalho no Ato nº11/2018, tempo depois aprendeu a conviver com outros também para as mesmas atividades laborais como trabalho remoto, a distância, EaD, *on line* e *home office*, ficando este último mais utilizado nas mídias tradicionais e nos novos formatos digitais.

O ambiente doméstico abrigou reuniões semanais de toda a equipe de trabalho ou subdivididas em grupos de trabalho, de acordo com as pautas específicas. Também, pode-se acessar remotamente o repositório de dados do Cesaf-ESMP para a edição dos materiais audiovisuais e disponibilização *online*. Os grupos passaram a se encontrar no *simulated face to face*, ou seja, num face a face simulado pelas telas dos monitores dos *notebooks* ou aparelhos celulares/*smartphones*. O Cesaf-ESMP transferiu-se para a casa de cada um de seus integrantes, que por analogia, muitas promotorias e procuradorias de justiça fizeram da mesma maneira.

E é neste ponto do face a face simulado, vejo um espaço no qual as outras

conta o abismo entre ter tecnologia de ponta para produzir-transmitir e os grupos populacionais sem pouca ou nenhuma condição de possuir aparatos tecnológicos e conexões decentes de internet.

3 A Instituição divulgou por meio das redes sociais no mês de junho de 2020 que a produtividade da atuação ministerial aumentou em 15,5% nos últimos 100 dias, salientando o expressivo número de 95 mil movimentações pelo teletrabalho. No total, mais de 33 mil movimentos em procedimentos judiciais, extrajudiciais e administrativos, 21.720 manifestações e recursos em processos judiciais; 814 procedimentos extrajudiciais instaurados; 843 ações e denúncias; 9.134 movimentações na esfera administrativa e 985 atendimento ao cidadão realizados pela Ouvidoria. (Disponível em < <https://mpto.mp.br/portal/2020/07/03/mpto-registra-aumento-da-produtividade-no-regime-de-teletrabalho-e-contabiliza-95-mil-movimentacoes-em-100-dias> > Acesso em: 03.julh..2020)

peças, como um Outro, num ângulo filosófico, passou ser capturado e entendido em suas reações e ação comunicativa mediado por uma câmera interna do *notebook*. Essa experiência permite estudar esse fenômeno do encontro mediado pela tecnologia sob um recorte metodológico da etnografia doméstica. Pouco conhecida nas lides do direito, mais utilizada como auxiliar na interpretação das subjetividades, fatos e conteúdos em mutação dependente das máquinas que capturam as imagens. Segundo Renov (1999), entre o que mostra e o que vê existem códigos e barreiras possíveis de leituras e interpretação.

Em outras palavras pode-se aclarar que a relação do Eu que participa e dialoga com o Outro por meio de uma máquina pode estar expondo muito daquilo que somos. Nisso, uma etnografia doméstica é possível ser realizada. Em geral, mencionar a etnografia para muitos é pensar numa ida a campo para observação e coleta de dados, posteriormente, interpretando-os para melhor entender o funcionamento dos grupos envolvidos e fenômenos culturais ocorridos ou em ocorrência. Opto por recordar dos indicativos de Geertz (1989):

[...] a etnografia é uma descrição densa. O que o etnógrafo enfrenta, de fato – a não ser quando (como deve fazer, naturalmente) está seguindo as rotinas mais automatizadas de coletar dados – é uma multiplicidade de estruturas conceptuais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares, implícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar [...] Fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de ‘construir uma leitura de’) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos [...] (GEERTZ, 1989, p.20).

Realizar um etnografia doméstica parece elucubração teórica diletante, mas não o é. Ao ver-me, tentando entender os mecanismos de ensino e aprendizagem que podem ser ressaltados das reuniões remotas, assumo um lugar de fala a partir do espaço doméstico, dando ênfase à origem latina do termo *domesticus* enquanto pertencente ao *domus*, do que nos cerca e cobre, da casa. Dessa maneira, o face a face simulado pela tecnologia digital, com câmeras embutidas nos aparelhos, permite realizar no meu espaço doméstico-caseiro um exercício etnográfico, da mesma maneira, as pessoas com quem interajo também o fazem.

O olhar etnográfico, por meio da câmera e dos aparatos tecnológicos, permite um confronto de cabeças e troncos falantes, rostos com aspectos de sonolência- cansaço-atenção, expressões de seriedade-timidez-curiosidade-apatia

e ironia, objetos sobre mesas, estantes com o acervo bibliográfico, imagens de familiares em porta-retratos, artesanatos, símbolos religiosos. Sem a intenção do voyeurismo, muito se pode aprender do Outro e de si mesmo nesta nova forma de encontro, de ensino e de aprendizado. Se fizéssemos uma tomada cinematográfica do momento em que se está participando de uma reunião ou evento remoto seria algo metaficcional, pois se registra um Eu que está pensando que vê o Outro, que por sua vez não está inteiramente no momento registrado. E ao mesmo tempo, o Eu está interpretando uma personagem em diálogo com outra, existem laços de afinidade que acontecem neste exercício de observar e participar simultaneamente.

Entra e sai dia, o olhar alegre e preocupado do palestrante tentando se adequar na lógica rápida de uma “live” dá lugar ora a uma expressão cansada, ombros caídos, olheiras e fala desalentada, ora a uma postura de quem aprendeu a se tornar, também, um objetivo midiaticizado. O cenário modificou-se; nos primeiros dias via-se o teto, as paredes e um rosto tentando mergulhar dentro do monitor; hoje os livros estão organizados nas estantes, os objetos coloridos ou estranhos que poluíam a cena desapareceram, as pessoas aprenderam a falar para si mesmas pensando que comunicam com o mundo. Os sorrisos e discretas saudações são dadas para ícones de corações multicores, mãos acenando ou aplaudindo.

Esses aspectos sociocomportamentais e estético-decorativos indicam que um aprendizado está em ocorrência. Outra lógica de produtividade se faz presente, pois o cansaço que se percebe no face a face das reuniões de trabalho e na assistência aos eventos solicita das pessoas discursos objetivos e conteúdos diretamente focalizados. Os que os bons professores de língua portuguesa ensinam sobre a clareza, concisão e coerência já se fazem notar em reuniões pautadas para ocorrer em 45 minutos. A margem do dito e do silêncio tem outra métrica e qualquer ruído diferente ameaça a dispersão, o devaneio e a não demarcação como relevante aquele momento vivido. Neste exercício de etnografia doméstica sobre os trabalhos remotos, percebe-se a exigência de uma atenção carregada de tensão, em que ver, ouvir e apontar não ocorrem como da maneira anteriormente presencial, o fio condutor do raciocínio se perdeu e é difícil sua retomada no âmbito cognitivo, a não ser que a reunião (ou encontro) seja gravada e o participante possa a ela acessar posteriormente.

Com essa contingência, a aprendizagem para as pessoas adultas, de fato, passa a ter outra importância. Antes se podia pensar que aquilo aprendido numa certa fase da vida seria utilizado na fase profissional adulta, com alguns momentos

para atualização ou capacitação de conteúdos. No atual “durante”, o sujeito da ação tem que se assenhorar dela em todas as etapas. Tudo é significativo nesta aprendizagem. Não é raro encontrar pessoas que desejam ardentemente o retorno às atividades presenciais no espaço e tempo concedidos do trabalho, porque se sentem inaptas para o uso das tecnologias digitais, acabam por ter rechaço em falar para uma tela, manejar um *mouse*, clicar em ícones de microfones, digitar em um espaço demarcado para mensagens/conversas (*chats*) e projetar algum relatório formatado em PDF.

Até o presente momento, tudo sinaliza para a continuidade do confinamento. Espera-se que quando este artigo estiver publicado o pior tenha passado, mas por enquanto a Covid-19 tem impactado de maneira amedrontadora, embora muitos ainda defendam discursos negacionistas, mais preocupados com a defesa incontínente de posicionamentos ideológicos sem levar em conta os óbitos e o sofrimento das famílias das pessoas que faleceram. Nesse desafio do como não ser contaminado, morrer em decorrência das consequências do vírus no organismo e a saber, minimamente, conviver com sua presença é que ressalto a relevância sobre aprendizagem significativa. No confinamento, aprende-se a filtrar o que é significativo naquilo que se presume como conteúdo de aprendizagem.

Com respeito à aprendizagem significativa que saliento neste estudo, assinalo a contribuição de David Ausubel (1918-2008), estudioso estadunidense, defensor de uma perspectiva de ensino-aprendizagem para ressignificar o papel e a importância da escola no contexto discriminatório de seu tempo. A Teoria da Aprendizagem Significativa – doravante TAS – de Ausubel presume a construção do conhecimento por parte das pessoas, valorizando aquilo que ela já possui, enquanto repertório sociocultural e cognitivo e defendendo que o processo pedagógico não é algo romantizado, nele os profissionais responsáveis necessitam ter amplo entendimento dos mecanismos da produção cognitiva no cérebro humano, para melhor trabalhar com conteúdos de significância. Aprender é uma ação que estabelece condições de mudança no conhecimento estabelecido e estruturado, se realizado de maneira mecânica não integra o novo com o já existente, a organização sistemática nesse processo é composta pela percepção, memória, estado de atenção e afetividade. A dialogicidade se faz presente neste processo. (AUSUBEL, 1964; 1966; 1968; 1971).

Trago a TAS para o contexto das reuniões de trabalho e eventos educativos no âmbito do MPTO, pois é importante considerar que cada um dos atores que

participam nas rotinas institucionais possui em sua estrutura mecanismos de percepção, repositório de memórias latentes e subconscientes, relação atenção-dispersão e esfera de afetos. Neste sentido, a etnografia doméstica apresentou pistas sobre esses atores com respeito à importância de se ter roteiros prévios de conteúdos, numa perspectiva andragógica assertiva, a fim de com eles estabelecer diálogo nas atividades propostas e obter respostas positivas de aprendizado e atuação nas rotinas laborais.

2. Do observado e das possíveis contribuições

Enquanto perdurar a ameaça da Covid-19 quem tem juízo no lugar continuará a se sentir amedrontado e a pensar sua própria segurança e na de seus familiares, de forma especial. Sem vacina sem normalidade cotidiana das atividades laborais, pelo menos para as pessoas que não estão trabalhando diretamente nos serviços considerados essenciais. Isso me leva a considerar como efetiva a adoção do teletrabalho/*home office* integral para determinados grupos de pessoas nas esferas públicas e privadas e, em caso de não estabelecimento de uma diminuição do número de contaminados ou uma segunda onda de contaminações, todos serem levados, por contingência, a atuar em suas residências.

Nesse ponto, levanto algumas situações a serem consideradas, a partir do observado etnograficamente nas reuniões e encontros remotos visando estabelecer instâncias promotoras de real aprendizagem significativa e atuação proativa nas demandas realizadas, tanto nas atividades educativas como aquelas das atividades meio e fim da Instituição.

Em primeiro lugar, é falsa a ideia de que todos os integrantes de instituições consideradas sólidas como o Ministério Público vivem em grandes residências, com uma infraestrutura glamorosa e aparatos tecnológicos disponíveis com ampla facilidade. As mesmas dificuldades de fones de ouvidos que não funcionam, *notebooks* sem recursos para movimentar as plataformas de comunicação, conexões de internet inconsistentes verificadas em inúmeras matérias divulgadas pelos telejornais da grande mídia televisiva junto às populações mais pobres, também se fazem perceber entre essa parcela em foco.

Em muitas reuniões, inclusive naquelas que são revestidas da aura acadêmica sobre conhecimentos relevantes, pode-se perceber pessoas em saletas minúsculas, nos pequenos quartos dos filhos em apartamentos. A decoração

infantil em alguns cantos contrasta com os argumentos científicos e a tomada de decisões em curso. Em alguns outros momentos, no início da pandemia, período em que ainda imperava uma descontração por parte de alguns participantes das reuniões, que pensavam não estar sendo capturados naquele átimo de segundo pelas câmeras e, aborrecidos ou enfadados com as conversas deitavam-se no chão da sala onde se encontravam ou deixavam objetos sobre a cadeira na qual estavam, representando-os.

Dessa maneira, pensar em rotinas de trabalho e de novas possibilidades de ensino-aprendizagem, a partir das equipes da administração superior e Cesaf-ESMP é perguntar, em primeiro lugar, em quais espaços reais e concretos ocorrerão. Nos espaços da Instituição, no caso de retorno de parte das atividades, distanciamento físico entre as pessoas, estações de trabalho com proteção e higienização constantes, além da necessária rotatividade e alternância de dias e horários nas seções com número maior de integrantes. Nos eventos educacionais presenciais, o distanciamento físico entre cadeiras deverá ser muito bem delimitado, da mesma maneira que o espaço físico a ser ocupado pelo docente/instrutor, também se observando a segurança necessária.

Quanto aos grupos que devem/deverão ficar em casa, será importante realizar o levantamento da infraestrutura existente. Não se deve retornar à oferta de programas como “um computador por aluno” (aplicado em algumas regiões brasileiras, no qual se disponibilizava uma máquina para cada estudante, a fim de diminuir a brecha digital, e que anos depois virou sucata nas escolas por falta de continuidade), não será o Ministério Público a distribuir máquinas a todo momento e gratuitamente para os seus integrantes, contudo uma campanha de conscientização sobre a importância da adoção do computador como real suporte de trabalho deverá ocorrer. Sem essa ideia geradora, as pessoas podem não despertar para a importância e significação da máquina em sua rotina laboral.

A Instituição terá de auxiliar aos seus integrantes no pensar sobre a importância da ergonomia em suas vidas e dos espaços de trabalho até os assentos próprios nas residências. Além do *notebook* trago também à baila a importância de se pensar como o Ministério Público disponibilizará os *softwares* de segurança para o trabalho remoto doméstico? Não tenho resposta, mas a questão está aberta a encontrar pares para dialogar sobre ela.

Em segundo lugar, o aumento da produtividade traz uma alvoroçante

surpresa pela capacidade das pessoas em assimilar as práticas remotas no período de distanciamento físico, entretanto isso não significa em sua totalidade que processos adaptativos cognitivos estejam ocorrendo. Existe uma resposta positiva externa, mas será que está internalizada?

Apregoa-se que as vantagens do trabalho no espaço doméstico são amplas, isto é, desde a possibilidade de flexibilizar horários das atividades até a realização de outras atividades que, anteriormente na jornada estrita da presencialidade, não poderiam ocorrer. Como por exemplo, algumas vantagens para a vida pequeno-burguesa podem ser verificadas como não passar pelo estressante trânsito da capital e das cidades do interior, ausência de necessidade de disputar vaga para veículo no estacionamento externo, economia no uso dos veículos, economia no uso do vale transporte para os que utilizam os ônibus municipais, economia com maquiagem, cabeleireiro, vestuário e outras exigências condizentes com o ambiente laboral.

Na esfera institucional, custos são reduzidos com o teletrabalho. Previnem-se riscos à saúde com o distanciamento físico das pessoas, reduzem-se possibilidades de contaminação, mas se cria essa outra problemática. É uma equação que merece estudo e mais atenção sobre ela, pois os horários das atividades devem ser delimitados de acordo com os padrões básicos e exigências para desempenho laboral frente às telas de monitores, cuidados com a carga de luminosidade para os olhos – no prisma de atenção oftalmológica – ou seja, está-se lidando com novas situações, vale a pena repetir, para que as observações não sejam vistas apenas como problemas sindicais pontuais.

Em terceiro lugar, o clima de insegurança e medo frente à Covid-19 permanece muito forte. Para a Instituição é importante ampliar a veiculação de informações para seus integrantes sobre os aspectos de prevenção e o principal, o que se deve fazer caso se apresentem os sintomas da Covid-19? Levanto esta questão porque nas reuniões de trabalho e eventos, aquelas em que é possível a interação direta e cujos microfones dos participantes, por vezes, estão abertos por distração e se escuta um pouco mais do espaço doméstico da pessoa. Em alguns casos, falas soltas ou perguntas recorrentes incidem sobre: “e se eu pegar Covid-19, o que devo fazer?”.

As reuniões de trabalho têm pontos positivos no tocante à objetividade que adquiriram, isto é, a distração inconsciente de se escapar daquela realidade olhando alguma mensagem solta no *WhatsApp* diminuiu, os cuidados com sons externos e até

mesmo reações fisiológicas do organismo humano têm sido observadas. Há um foco de trabalho em evidência, porém, basta mencionar alguma situação sobre a Covid-19, evidências de desinformação vêm à tona. Reforça-se, então, maior campanha interna de informação sobre prevenção e segurança.

Em quarto lugar, como essa experiência tende a se alongar – não quero cair na armadilha da defesa da expressão “novo normal” porque antes se vivia o contínuo anormal neste país de privilégios para poucos e tamanha desigualdade e miséria para muitos e muitos outros – pude perceber junto aos colegas e chefia do Cesaf-ESMP que embora o distanciamento físico seja um fator negativo para um grupo de pessoas na construção de laços de cooperação e colaboração no espaço físico do trabalho, pode-se dar passos rumo a uma aprendizagem significativa sobre o vivenciado:

- A começar pelas reuniões da equipe no início da pandemia, elas eram semanais e com grandes pautas. O tempo de duração da reunião excedia 2h30min, ocasionando cansaço físico e não retenção dos conteúdos a serem retidos. A longa duração da reunião poderia induzir a uma recusa subconsciente das tarefas a serem realizadas. Neste sentido, delimitaram-se quinzenalmente as reuniões com pautas objetivas;
- Estabeleceu-se um mecanismo de encontros remotos menores setoriais para conteúdos temáticos que assim o exigiam. O trabalho com grupo menor, sem ser extensivo, permite abordar as nuances dos problemas tratados, sistematizar textualmente, via *Google Docs*, e encaminhar às partes interessadas da Direção e Administração Superior para apreciação e encaminhamentos;
- estabelecimento de pautas de atividades de acordo com o perfil e cargo/função dos integrantes da equipe. Essa dinâmica permite perceber em quais instâncias são necessárias as contribuições de demais membros e servidores da Instituição para colaborar com as ações específicas;
- nos eventos educativos, foram ampliados os dispositivos de controle para o acesso, controle e registro ao ambiente virtual de aprendizagem, bem como limitou-se o acesso ao diretório e pastas digitais do órgão a um grupo restrito de pessoas. Essa preocupação é algo constante junto ao Núcleo de Segurança Institucional e Diretoria de Tecnologia da Informação.

Existem tantas outras sinalizações que poderiam aqui ser abordadas, mas ao longo de jornada diferenciada de trabalho poder-se-á ir compartilhando-as.

3. O uso das redes e plataformas

Na etnografia doméstica também pode-se acompanhar a utilização das redes sociais e participação em *lives*, webinários e grupos de discussão-informação pelo *WhatsApp*.

De uma maneira bem didática, para retenção na memória, o *WhatsApp*, tão repetido nas matérias jornalísticas e objeto de investigação judicial, é um aplicativo que possibilita o intercâmbio simultâneo de mensagens – em áudio e vídeo, pela *internet*. Sua popularização foi possível porque ele pode ser instalado e utilizado em sistemas operacionais distintos nos *notebooks* e *smartphones*. A ferramenta foi criada pelo ucraniano Jan Koum, em 2009, de início um dos luxos oferecidos pelo sistema iOS (*App Store*). Esse mensageiro eletrônico que possibilitava a troca de mensagens expandiu-se mundo afora, sendo acoplado ao sistema *Android* e, no ano de 2014, foi adquirido pelo *Facebook*. O aplicativo tem suas lógicas de lucratividade no mercado de capitais e se presta a inúmeras atividades, motivo de questionamentos legais nos últimos anos.

O *WhatsApp* no ambiente laboral tem uma grande importância na troca de mensagens e uso de videochamadas com grupos de até 8 pessoas⁴. F r i s o com relação ao *WhatsApp* é o uso da possibilidade de videochamadas que se ampliou de 4 para 8 pessoas. Em comunicações rápidas de uma equipe acaba se tornando muito útil. Contudo, o aplicativo traz limitações de ordem psicológica, é importante levantar essa questão, porque como muitas pessoas nos diversos setores nas instituições acabaram criando grupos no *WhatsApp*. A esteira de tantos usuários que criaram grupos familiares, de amizades construídas em suas trajetórias de vida, agremiações esportivas, pais e professores nas escolas etc. também na Instituição isso ocorreu.

Os grupos no aplicativo, assim como nas redes sociais com *Facebook* e *Twitter* passaram a extravasar nos posicionamentos e a criar polarizações com altas cargas de negatividade e ofensividade uns com os outros. Nesse sentido, quando se menciona um grupo de *WhatsApp*, uma sensação de desconforto se faz presente. Uma prova cabal disso é o grupo formado por coordenadores pedagógicos dos Ceafs e Escolas Superiores (MP Brasil-CEAFS e Escolas), em cujas regras está explícito: “1- Nada de correntes; 2- Lembrar que o grupo não é

4 Disponível em <<https://macmagazine.uol.com.br/post/2020/04/27/ja-e-possivel-fazer-chamadas-com-ate-oito-pessoas-no-WhatsApp-veja-como/>> . Acesso em 03 jul. 2020.

político, religioso e nem de autoajuda; 3- Nada de propagandas comerciais; [...] Não serão toleradas práticas que constriam os participantes ou sejam entendidas como bullying.” Tal medida se faz importante porque refletem o que pode estar em ocorrência nos MPs do país afora. Assim, defendo a necessidade de se recuperar o uso do WhatsApp como ferramenta pedagógica, pois se pararmos para pensar, o aplicativo, também os seus congêneres, enterrou os aparelhos de telefax ou fac-símile (os antigos “fax”).

Muitas pessoas acabam me perguntando sobre o uso das redes Twitter, Facebook e Instagram. Não faz muito tempo, compartilhei com profissionais mais próximos um texto do prof. Wilson Gomes⁵, do Curso de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, publicado em sua conta no Facebook, abordando esta questão. Sobre o Twitter, Gomes (2020) salienta que “Twitter é onde hoje acontece a política nacional. Tem pouca gente? Tem. O que se escreve tem que ser lido instantaneamente ou não será lido? É vero.” Inclusive, aponta como a plataforma se tornou importante na ordem do dia, a ser utilizada por líderes políticos máximos das nações. Ali existe um agendamento de fatos e construção de narrativas.

Como é “lugar de informação rápida”, em tempo, os usuários são cruéis pelas disputas dos climas de formação de opinião (GOMES, Online, 2020). Para os integrantes de uma instituição como o Ministério Público, caso não se tenha a sanha de uma discursividade aguçada, o melhor é ter uma conta na qual se possa acompanhar a construção das narrativas dos outros, ver os embates entre figuras políticas, empresas jornalísticas e os profissionais do jornalismo atuando, ao mesmo tempo verificar como grupos de usuários agem massivamente no seguimento de determinados posicionamentos, sem uma análise crítica dos acontecimentos.

Pensava que o *Facebook* estava esmorecendo, mesmo com as *lives* semanais do atual mandatário geral do País, via mais como uma possibilidade de uma faixa de usuários da terceira idade aposentados, mas GOMES (Online, 2020) questionou-me ao destacar que o

Facebook também é um bom radar para o que está acontecendo, mas nem de longe este é o seu forte. Facebook é o lugar onde os conteúdos são mais

5 Disponível em < <https://www.facebook.com/wilson.gomes.1614460> > postado em 03. Maio de 2020. Acesso em: 03 jul.2020.

elaborados, mais duradouros e mais consistentes. Mas é também o lugar da treta (cada vez menos) e do atrito de pensamento, civilizado ou não. Pode parecer que não, mas se o Twitter roda a 300 km por hora, o Facebook desliza a 80, dando mais tempo para assimilação. O Twitter é mais nervoso, o Facebook é mais reflexivo (GOMES, online, 2020).

Sobre o Instagram, atualmente em foco pela apresentação de *lives*, ele também assevera

(o) Instagram é a rede para onde todo mundo está indo. Muita gente subestima a plataforma como um clubinho de celebridades e fãs e uma vitrine de exibição da vida privada, mas se esquece que é hoje o maior repositório de atenção pública e maior possibilidade de alcançar as pessoas que não necessariamente são taradas por informação política, como o povo do Twitter e do Facebook. Tem mais exposição inadvertida. Sem mencionar que tem a velocidade informativa do Twitter, considerável espaço reflexivo em vídeo, além das *lives*. É a coisa mais misturada e mais viva neste momento no mundo digital das plataformas. Há muito mais política (com muito mais gente vendo) no Instagram do que é capaz de imaginar as almas feicebuqueanas (GOMES, ONLINE, 2020).

Com o Youtube, enquanto compartilhador de vídeos, Gomes considera ser

[...] hoje é o grande mercado de ideias do universo, onde você pode comprar uma doutrina, uma ideologia política, um guru para fazer sua cabeça, uma tribo identitária para chamar de sua e as informações, formações e interpretações da qualidade, cor e nível de profundidade da sua preferência. Tem atualidade e tem arquivo, tem interação e tem doutrinação, tem consumo avulso e oferta identitária. E é para onde apontam os links das outras mídias digitais. Há de um tudo ali (GOMES, ONLINE, 2020).

Desde 2014-2015, o Cesaf-ESMP tem conta no *Youtube* para transmissão das sessões do Conselho Superior do Ministério Público (CSMP), Colégio de Procuradores de Justiça (CPJ) e demais conteúdos das atividades educativas que lhe são intrínsecas. Mas, é um território ainda pouco explorado por suas potencialidades nesses tempos de pandemia.

Sem cair numa narrativa distópica e apocalíptica para o futuro, algo comum nos discursos de estudiosos assentados em suas bolhas de conforto e proteção, tem-se uma realidade acontecendo com um vírus contaminando massivamente a população e medidas de proteção a serem seguidas. As atividades laborais remotas devem continuar e ser aperfeiçoadas, sobretudo ao se verificar a produtividade, que salta aos olhos.

Contudo, o uso das tecnologias como fator surpresa nos primeiros meses

deve arrefecer, assim como a rejeição que pais e filhos têm em relação ao formato paliativo das atividades escolares. Também as *lives*, webinários, reuniões online e outros formatos de encontro remoto deverão ser realinhados à realidade. O segundo semestre será crucial para a continuidade das *lives* porque o fascínio do encontro de amigos refletindo teoricamente sobre práticas e tendências da hora exigirá outros *scripts*, pois os conteúdos tendem a se repetir, os profissionais que agora se apresentam com o fascínio de celebridades instantâneas terão suas imagens desgastadas – e assim, vem a crua realidade, aquela pessoa que se faz presente numa *live* não é uma personagem, mas um profissional.

Nos webinários, o mesmo risco ocorrerá, por isso, foi de bom augúrio a iniciativa das equipes dos Centros de Apoio Operacional (Caops) do MPTO de começar a trazer questões concretas para a reflexão e, com destaque, em como resolvê-las. Ou seja, retorna novamente a perspectiva da aprendizagem significativa para os públicos interno e externo da Instituição.

A experiência vivenciada pelo Cesaf-ESMP com respeito às reuniões também se estende à preocupação com a oferta dos cursos e demais instâncias formativas, isto é, trazer os conteúdos de forma objetiva, coerente e coesa, traçando as estratégias pedagógicas para aquela rota de aprendizagem proposta e trabalhando com profissionais da Instituição, cuidando dos aspectos didáticos precisos para não se transformar o ato educativo numa *live* musical.

Considerações provisórias

Este texto é um ensaio, tanto no intento de refletir aspectos teóricos metodológicos de forma livre e sem receios quanto um exercício provocativo para os integrantes do Ministério Público nesses tempos de trabalho remoto e combate e prevenção à pandemia.

Alguns elementos e situações não foram abordados no texto, eles se encontram em aberto, porque a Instituição é diversa e ampla. Num momento, em futuro próximo, pretende-se estar refletindo com as pessoas participantes dos comitês, grupos de trabalho, comissões e gabinete de crise. É certo que mais perspectivas e depoimentos irão somar como contribuição para essa etnográfica doméstica iniciada. Por vezes, em conversas, por meio do *WhatsApp*, com profissionais dessas comissões, pode-se ler diretamente nos textos o nível de cansaço, preocupação e desalento. Existem profissionais que passam mais de 12

horas por dia frente ao monitor do *notebook* em reuniões, oficinas e a resolver as situações intrínsecas de suas áreas de atuação. Como dar suporte educativo a essas pessoas?

Também, outros desafios surgem – como aquele dos profissionais que se fazem invisíveis, com produtividade mínima ao que se espera de suas respectivas atuações – enfim, como trazer isso à luz do dia e refletir, com coerência, para que os gargalos possam se desfazer e a Instituição mantenha seu desempenho? É proposital uma interrogativa nas conclusões do texto, que constitui apenas um pequeno fragmento aberto de reflexão e análise. O importante é continuar gerindo conhecimento para melhor atuar e responder às demandas desses dias estranhos e perigosos.

Referências

AUSUBEL, D. P. Some psychological aspects of the structure of knowledge. In: ELAM, S. (Ed.) **Education and the structure of knowledge**. Illinois: Rand MacNally, 1964.

_____. Cognitive structure and the facilitation of meaningful verbal learning. In: ANDERSON, R. C. & AUSUBEL, D. P. (Orgs.) **Readings in the psychology of cognition**. New York: Holt, Rinehart and Winston, p.98-112, 1966.

_____. **Educational Psychology: a cognitive view**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1968.

_____. Is there a discipline of Educational Psychology? In: AUSUBEL, D. P. (Org.).

Readings in school learning. New York: Holt, Rinehart and Winston, p.3-28, 1969.

_____. Viewpoints from related disciplines: human growth and development. In: MOULY, G. J. (Org.) **Readings in Educational Psychology**. New York: Holt, Rinehart and Winston, p.105-112, 1971.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1989.

GOMES, Wilson. Online. Disponível em: <<https://www.facebook.com/wilson.gomes.1614460>> . Acesso em: 03 jul. 2020.

RENOV, M. “Domestic ethnography and the construction of the ‘other’ self”. In: GAINES, J. M.; RENOV, M. (Eds.). **Collecting visible evidence**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999, p. 140-155.

_____. **The subject of documentary**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2004.